

Discurso aos membros da
Academia Setembro?

Reverendo Pe Director

Collegas da Academia

A antiguidade, tão fecunda em ensinamentos mostra-nos ao claro que a instituição das academias devem a Grecia o desenvolvimento das sciencias, o progresso das lettras e a evolução da oratoria. Fundado por Platão, cognominado o Divino pela multitudine de sua dicsão, o pequeno collegio do jardim de Academus ^{donde a palavra academia} elevou-se cedo nas azas da celebridade. Morto o seu fundador, dois discipulos venerandos Aristoteles e Penserato, que então já começavam a distinguir-se, se refugiaram á porta da Academia. Enquanto Penserato conservou intacta a herança do mestre, Aristoteles fez-lhe algumas modificações accidentaes. Os discipulos do ^{peripatetico} de Stagira se denominaram peripateticos do costume introduzido por Aristoteles, que dava suas lições passeando pelo Lyceu. Predominava então a palavra do preceptor. O magister dixi era o dogma da infallibilidade. Si entre os alumnos uma pendencia era suscitada sobre este ou aquelle modo de encarar uma questão, sobre a estabilidade de uma these ou fiabilidade de um argumento, consultavam o mestre, a cuja opinião todos promptamente se submettiam. A demais de reuniões que podemos chamar privadas, havia outras de caracter nacional. Não falamos aqui dos jogos olympicos, que tanto influiram na exaltação physica dos gregos. Era costume, em Athenas, recitar em praça publica orações eucomicas, *maritimum laudationes*, em honra do

morriram no campo de batalha, em defesa da
patria. Certa vez coube a Platão o elogio dos mor-
tos e taes triumphos alcançou que uma lei do
Estado preservou a leitura publica e solemne
de sua oração. A nação reconhecia a utilidade
desses discursos e procurava, por todos os modos,
facilitar ao povo o conhecimento d'elles, bem como
de outras obras afamadas, afim de que a juven-
tude apurasse por elles o espirito no bom gosto.
Esparta com a austera legislação de Lycurgo só
tinha em mira o robustecimento physico de seus
filhos e por isso a amésta do seu nome desappe-
receu quando a victoria deixou de cantar-lhe
seus hymnos harmoniosos. Athenas dotada de
um espirito mais subtil e delicada, previamen-
te se apercebeu da inefficacia desse processo
educativo e esforçou-se para que a paz e a guerra
cambiassem o espirito e a materia. O corpo devia
robustecer-se para o engrandecimento e defesa
da patria e o espirito illustrar-se para o de-
sevolvimento d'ella. Esparta trabalhava para
conquistar seu nome em sua epoca; Athenas sonha-
va com a perpetuidade. Roma, a Magna Gre-
cia, a herdeira dos louros hellenicos, aguçou logo
a superioridade manifesta da legislação athenie-
se e empregou o melhor da sua actividade
em imital-a, em estudar a lingua que possuía
joias como a Iliada e a Odysseia de Homero
e as celeberrimas Philippicas de Demosthenes.
Hé sombra destes gigantes da epopeia e da or-
atoria que nasceram em Roma os Virgilios e os
Cicerões. Foi tal o enthusiasmo nesta occasião

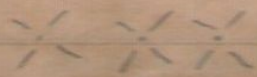
por tudo que era grego que muitos preferiram a linguagem materna a a lingua em que falaram os Socrates, os Pericles, os Thucydides e os Eschinos. O poeta Lucilio conta-nos como esta mania se difundiu em Roma. A lingua do Latium, cultivada com zelo na casa de Scipião e de Cicero, onde se falava o latim castico, posto como era de frequencia da elite da sociedade, tinha, além disso, no Senado cultores devotos que se esmeravam por tornal-a ductil e facil para a expressão com elegancia dos sentimentos mais concinnos, das ideias mais vivas. Gotta que na opinião de Cicero excedem o proprio Gotta, Lepido, Catão, Tiberio e Gaius Graccho foram os lapidadores que se esmeraram em pôr esse brilhante que é o latim, preparado durante um periodo mais ou menos longo de incubação fructuosa, esse vehiculo eloquente que Cicero havia de alcançar ás portas da immortalidade. Cicero equivale a uma litteratura inteira.

O Senado romano, onde retumbavam as vozes dos homens mais celebres, era o incentivo dos novos que sonhavam laureos e o deleite dos velhos. Foi elle pois o factor principal da evolução intellectual em Roma. É innumeravel a lista dos oradores, jurisconsultos, etc que então appareceram. Basta que mencione mos os nomes acatados de Crasso, dos Gracchos, sobretudo do mais novo que, na opinião de Cicero, si visse mais tempo ninguém o equalaria, de Antonio, Gotta,

Em Portugal, depois dos quinhentistas e seiscentistas, houve como que um arrefecimento nos estudos litterarios e scientificos. A lingua em que se expressava, Camões e Vieira ferecia a minima de seiva, obra que era de mero joguete na bocca dos palacianos. Os portuguezes desta epoca, cuidavam mais de seus brazões e titulos de nobreza do que de letras. Era necessario um reurgimento, uma segunda renascença que arrancasse o homem da apathia em que morasmavam. Como se effectou tal reurgimento, si os esforços que isoladamente dependiam alguns varos lit. Facto qualquer resultado negativo? Foi o de que se acordou a poucos cruzados dessa empenhada e potente, de convergir os attencões para a fundação de uma Academia que reunisse todas energias em si, e que as reunidas quizes de rebate ^{reunidas} obtivessem promptos e animados a encetar a pugna em prol das sciencias e letras. Forças isoladas muitas vezes são despendidas infructuosamente, facto aliás observado pelo povo: A união faz a força. O trabalho bem dividido, partilhado por uma comunidade não só tem mais efficacia, como tambem se torna mais suave, por isso que o obreiro se anima e estimula ao ver que ao seu lado um companheiro se esforça para a consecução de mesmóidesal.

Dest'arte se fundou a Academia de Lisboa com o escopo unico de ariventar a litteratura patria cujas tradições gloriosas eram

e publicavam. A Academia Real de sciencias
de Lisboa anteriormente fundada pelo duque
de Lafões iniciara o movimento, que seguido
pela Academia de Lisboa se espalhou rapida-
mente por todo o paiz. Para que citariamos
seus intimos argonautas, e nos horizontes
da historia litteraria de Portugal, refulgem co-
mo astros de primeira grandeza? Basta
que memore Bogaço, o escaphandista das per-
las que são os seus sonetos; José Agostinho de
Almeida, o rival de Camões na epopeia e Cor-
reia Garcia, o Horacio Portuguez.



Em se despendendo os acadêmicos, as assumptas
e suas. Das Academias nos seminarios
Lisboa e suas de Alentejo; descobrimos Platão
e memos no jardim de Acadêmicos, Aristoteles a
suaes no Lyceu; penetramos em Roma; visitá-
mos a Senado romano e renovamos a nossa
constructiva excursão na terra lusitana.

Uma explicação nos devemos da causa da nos-
sa viagem. Poderiamos estudar ^{as academias} quanto ao seu
objecto e da grandeza do seu ideal aquilata-
remos a sua utilidade. Todavia julgamos de
melhor alvitre estudal-as no tempo e da obser-
vação de seus effectos ajuizarmos da sua neces-
sidade nos seminarios. Afigurou-se-nos o metho-
do mais seguro. O futuro padre, o seminarista que
se destina a ganhar almas para Nosso Se-
nhor deve visar um duplo alvo, sobre o qual
* generosos porque tendes a qualificação de um ou

digas as setas da boa vontade: virtude e sciencia
na lã é como que o complemento d'aquella
sem virtude, ainda que o sacerdote seja um
manual de sabedoria, com tudo os seus es-
forços serão frustrados na obra das conver-
sões, por isso que prega uma religião que
não pratica. Já dizia o velho Horácio: si vis
me flere, dolendum est primum ipsi tibi.
Se queres que eu chore, advertia elle aos
poetas, deves dar o exemplo. Assim também
o padre ministro de uma religião que exige
virtude dos que a abraçam, deve elle ser
virtuoso, a menos que não tema ser taxado
de inconsequente. A propria sciencia é
o ^{com um qualquer outro peccado} padre a virtude. Na verdade
de que valeram a Salomão seus vastissimos
conhecimentos, si é duvidosa a sua salva-
ção? De que serviram aos philosophos pagãos
os seus profundos arrazoados sobre a morali-
dade dos actos humanos, sobre a virtu-
de, si, como afirma S^{to} Agostinho, só fala-
ram della para a despezar? A virtu-
de é invan, atrai; a sciencia é razão, conver-
te. A virtude constitue a essencia do padre,
por isso deixaremos de discorrer a seu res-
peito, uma vez que não podemos conceber
que um seminarista demazelado de sua
alma, tenha desejo de ascender ás aras
do presbyterado.

Hoje, mais do que nunca, é necessaria que
os levitas do Senhor se amestrem nas scien-
cias e letras.

O padre nutria avaria sobre si a admiração da sociedade; porém esta ficará na admiração. É, pois, preciso que o sacerdote lhe fale à razão; mostre-lhe que duas religiões contrárias, como são o christianismo e o mahometismo, não podem ambas ser verdadeiras apresente-lhe notas que comprovem a divindade da nossa e exhorte finalmente a practical-a ignorantes e indifferentes. O padre dos tempos que coireu não sabe reconhecer as sciencias.

Como confutar esses pseudos sabios de esquinas e de balcão que todo inflados nos dons de de deus afirmam que a epoca da religião terminou, products que era da invenção dos poos, que o que chamamos alma não é mais que uma força corporea, que a razão é a rainha soberana que hoje se ergue para reclamar o seu sceptro? Como refutar um Schopenhauer, que levou a seu arroj a ponto de dizer que as novas descobertas scientificas, devassando e deminuis dos ares, demonstraram que em nenhum lugar ha no Universo para Deus e sua côrte? Como defender a descendencia do homem contra um Lamarck, um Darwin e um Haeckel? No meio dessa atmosphera empertada de uma falsa sciencia, como pedirá o ministro de Christo indouto, combata-lhe os postulados erroneos, os apophlegmas contraproducentes e contradictorios, desmentil-a e atama-lhe das faces a mascara do du

... e mostrá-los ao mundo o que elles veem
... são no intimo, uns epicureus
... que passam a vida nos braços
... que combatem Deus porque elles
... que Elle não exista? De um lado, é
... crasso, de outro, o idealismo que
... do padre, apertado entre
... a ^{de uma} espada dos inimigos, tendo a
... a defender a divindade
... que, pelo facto mesmo de
... adversarios grangeia, para
... seus conhecimentos scientificos
... e dilatados.

... ^{é a propria razão} a architecto que
... a intelligencia do homem, e convence
... de um axioma, como da in
... de um corollario. Dialoga com o in
... nelle a convicção, por dois modos
... da palavra e da escripta.

... do sacerdote para convencer se exerce
... principalmente pela palavra. Não é intuido
... nos confessionarios, nos cahes dos
... em que se comprime
... nas mattas a cata dos rebo
... pensando chagas esp
... em corações petrifica
... pela ignorancia de
... da verdadeira religião.

... neste ramo de seu
... necessariamente de um
... porque não dicei nenhum estratagem
... no sentido proprio, de

este estudo e posto em prática pelo eser-
vador e emos no pulpito, diante de uma
multidão heterogenea de pessoas religiosas e im-
puras de mentes e beldreugas, de magnates e
de litterados e illchados, de artis-
tas e officios. Os impios procurarão anesqui-
lar a belleza da creença, os sabios ir-
rigar a irretrinquivel logica dos argumen-
tos magnates a humildade que prega,
os litteratos indifferentes a magestade da
mensagem, os artistas descrentes a proprieda-
de da gesticulação, a nobreza do porte. É o
modelo julgado por ^{um} synhedris desse juiz,
que os juizes descobrirem os principios
conhecidos de caridade, só tem a espe-
rança sentença muito a quem da que
é quantas vezes, pelo seu desleixo
de fazer, se faz o padre mercador de
almas. Mas se elle digno e escor-
tado, que as proprias almas que
se convertem os inimigos da Igreja, em ele-
mentos espontaneos de admiração e quem
Talvez sejam elles os precursors da ^{na} con-
versão. A religião que tem por ministro um
homem que é ao mesmo tempo scientista,
litterato, philosopho, etc. não pôde ser falsa, é
a pazmente que logo lhes acode. A admira-
ção segue-se o desejo de conhecer a religi-
ão que se instruem tal sacerdote. É o pri-
meiro passo para a conversão. O resto fará
a verdade que resalta dos nossos livros
escriptos.

de, pois, me vosso dho uma objecção aos meus
meu e é que S. Francisco de Assis não era
nem scilicet, nem litterato, nem philosopho,
nem orador, talvez fizesse mais conversões
do que Bossuet, Lacordaire, Ravignan e Abouabré.
Mas não queremos aqui discutir uma questão
tão estéril como a da graça, apenas
admittamos que si Bossuet, Lacordaire, Ravi-
gnan e Abouabré fossem ignorantes, talvez ne-
nhuma conversão obrassem. S. Francisco de Assis
mereceu por sua vida mortificada e penitente
a graça que nenhum de nós pela insuffi-
ciencia de nossos meritos, temos o direito de
pedir de Deus. Recta, pois, que nos apos-
tamos dos meios naturaes para o amplo de-
senvolvimento da nossa missão.

Uma segunda: é que podeis fazer-vos padres scilicet
litteratos, philosophos e oradores, bastando
para isso a assiduidade ás aulas do seminário.
Concedo-vos tudo, menos que sejais bo-
radores sem o exercicio anticipado da Ora-
tória. Cicero e Demosthenes exercitavam-se
em particular, frequentemente, na arte de
falar em publico e foi esta pratica que
lhes deu a impossibilidade diante dos pro-
prietarios e apantes, numa palavra, a fama de
que gozavam. Um grande orador romano, Cu-
rúcio, teve a reputação minguada pela fal-
ta desse exercicio. Falava elle um dia no
 Senado e eis que se levanta um dos ouvintes
e pergunta em voz alta aos outros
quem é aquelle orador que discursava

Surias tinha o mau vizo de declamar balancando alternadamente o corpo.

São esses pequenezinhos nadaes que, muitas vezes deprimem o conceito em que temos um orador. Para corrigil-os é que se instituem academias em nosso ambiente. Na aula o professor explica as regras da dialectica e da grammatica, as particões do discurso, e na Academia o alumno tem ozo de applical-as praticamente. Quando na invenção de assumptos, na sua disposicão e argumentacão, alguma coisa haja digna de censura, o critico encarregado de apontar os senes em que tenha caido o orador, indigital-lhos a sem duvida, conforme as ordenações da amizade fraterna e caridade christã. Assim dia a dia, vai o estreante caminhando para a perfeicão. Tem razão o aphorismo: errando corrigitur error. É errando que se corrige o erro.

Quando, mais tarde, o seminaria de hoje, sacungido com as bençãos do Espirito Divino, com a sublime missão de pregar o Evangelho, não tem a temer mais o espantalho do pulpito, nem o olhar fixo sobre elle da multidão que se avoluma e preme. Marque-se o ambito, a atmosphera porveio permanece inalteravel. Em grande parte, tem razão os transformistas quando dão muito valor ao meio. Elle é de facto um poderoso e eficiente medio de ensino. Os resultados das applicações. Quanto aos seminarios se ordenam como se

annunciada occasião para a oratoria e que pela
falta de exercicio, logo nos primeiros insuccessos na
tribuna sagrada, delasam-se, com tanto annos
vezes o fim de uma carreira que podia ser
gloriosa! Tudo isso pela carencia de uma Acad
demia, onde se educassem para a vida de pa
gacões.

Terminamos o nosso trabalho com um apell
ao aos nossos companheiros que, em outros semin
rios tambem se preparam para o ministerio
de converter almas: que instituem academias
usem dos meios que lhes estão ao alcance
e o que a sua arte e palavra não pu
derem conseguir na obra dos conversiones, con
sequirão as graças de Nosso Senhor, que está
sempre prompto a recompensar os que traba
lham para a maior gloria do seu santis
simo nome.

Teus dils

4
Isaac Coubeiro